

IDEIAS, (ENTRE)LINHAS TECEM CONSCIÊNCIA CIDADÃ

Autora: Ângela Barbosa de Santana

SEDUC (Secretaria de Educação- PE)
miragemsantana@gmail.com.br

Resumo:

A comunicação, como prática social, está além das regras e domínio estrutural da língua. Está associada à geração e divulgação de conhecimento, ao exercício de poder e dominação, a expressão de ideias e conceitos, ao exercício da cidadania. Atualmente a sociedade do conhecimento, demanda da escola a tarefa de formar comunicadores, ou interlocutores. A diversidade da sociedade líquida e o enorme aumento no seu potencial comunicativo requerem sujeitos comunicativos atuantes e adaptáveis. Comunicadores competentes a utilizar tanto a linguagem oral quanto a linguagem escrita para dar voz à diversidade de discursos. No entanto, o domínio das competências leitoras e principalmente escritas para utilização plena da língua não é um saber dominado por todos os cidadãos. Sente-se essa lacuna formativa, principalmente na proficiência escrita ao visualizar ininteligíveis *posts* e textos compartilhados na rede, só para mencionar um dos suportes mais utilizados na atualidade. Numa sociedade letrada como a nossa é imprescindível à aquisição de competências escritas para interagir e atuar de forma plena, acessando e reivindicando direitos, expressando opiniões e contribuindo para a formação de uma sociedade mais consciente e responsável. A tarefa de fomentar e de desenvolver competências leitoras é atribuída e cobrada à escola que precisa encontrar meios de viabilizar esta demanda tão necessária de forma eficiente. Rever metodologias, orientar professores e mobilizar estudantes para esta aprendizagem são alguns dos muitos desafios diante desta problemática. Porque se aprende a escrever escrevendo, mas não se trata apenas de escrever por escrever. Trata-se de escrever com uma finalidade, dentro de um contexto específico considerando o provável leitor, exercendo a enunciação com conhecimento do assunto tratado, assim seria o escritor proficiente. Não se trata de uma tarefa simples. Exige orientação, comprometimento de professor e estudante, sistematização de estratégias e motivação. Este artigo pretende comentar experiências que procuraram desenvolver competências escritas nos alunos objetivando capacitá-los a exercer a escrita com propriedade e proficiência voltada para a participação cidadã, para a expressão de suas opiniões, ou seja, habilitando-os a serem sujeitos comunicativos cientes de seu papel na sociedade que pretendem formar.

Palavras-chave: Comunicação, competência, escrita.

Introdução

Este artigo analisa a questão do desenvolvimento de competências de escrita numa perspectiva de letramento social que desperte nos estudantes a reflexão sobre questões de convivência e identidade pertinentes a sua formação como cidadãos críticos e participativos. Segundo Street (2014, p.149) “Uma reconfiguração do letramento como prática de sala de aula e que auxiliemos os alunos a situar suas práticas de letramento”.

Uma das demandas atuais da educação é a formação de protagonistas; indivíduos com consciência crítica, confiança, autonomia e criatividade para atuar proativamente na sociedade adaptando-se as constantes mudanças de uma realidade cada vez mais fluida e inconstante. “O que se foi rompido já não pode ser consertado, abandonem toda a esperança de unidade, tanto futura como passada, vocês, os que ingressam ao mundo da modernidade fluida.”

(BAUMAM, p. 27). Ou seja, na sociedade contemporânea flexibilizada e fluida (em oposição a uma sociedade sólida, rígida) é preciso ser capaz de adaptar-se constantemente, acompanhando o fluxo das transformações sem ser arrastado por elas. E para atuar socialmente de maneira eficiente é necessário desenvolver competências comunicativas diversas.

A competência escrita é de fundamental importância numa sociedade letrada na qual a informação é um dos seus ativos principais. Saber manejar as palavras utilizando argumentação coerente e eloquente na forma escrita potencializa as oportunidades de atuação comunicativa em diversas esferas sociais, principalmente na profissional.

Uma considerável parcela da população demonstra ter dificuldade em produzir textos escritos¹. Mas essa dificuldade não é extensiva a todos os tipos de textos escritos. Textos cotidianos de circulação como bilhetes, recados, mensagens, *memes* são escritos e compartilhados profícua e constantemente atestando criatividade e competência escrita. Com estes gêneros do cotidiano os cidadãos expressam com criatividade e habilidade seus sentimentos, ideias, anseios, críticas e questionamentos diante da realidade e dos problemas que enfrentam. A questão a ser discutida é como transferir esta desenvoltura comunicativa para gêneros de textos mais extensos e complexos? A dificuldade se apresenta e solidifica quando os gêneros propostos são aqueles tradicionalmente requisitados (argumentativo-discursivo) em testes oficiais como o ENEM e vestibulares.

Partindo do princípio que todos os indivíduos são potenciais sujeitos comunicativos, ou seja, interlocutores proficientes; como auxiliar os estudantes a desenvolverem suas competências em escrita formal? Como capacitar o estudante a escrever um texto refletindo sobre seu significado, a escrever com adequação coesiva e vocabular, produzindo textos coerentes de forma espontânea?

Práticas gratificantes e significativas de leitura e escrita inseridas no contexto social podem facilitar a aquisição de competências escritas. O objetivo é verificar o efetivo êxito na aplicação de estratégias contextualizadas de leitura e escrita em sala de aula. Estratégias que considerem o educando como um sujeito social dotado de voz e de opinião, que o possibilitem expressar-se, ser ouvido e valorizado. Uma metodologia que o faça sentir-se como interlocutor de prestígio diante de seus pares, de sua comunidade de relacionamentos. E a escola como espaço privilegiado de interação é, depois da família, a comunidade mais

¹ Estudo conduzido pelo IPM (Instituto Paulo Montenegro) e pela ONG Ação Educativa conclui que apenas 8% da população brasileira em idade produtiva são consideradas plenamente proficientes em comunicação. Ver relatório completo em http://download.uol.com.br/educacao/2016_INAF_%20Mundo_do_Trabalho.pdf.

significativa na vida do estudante. Trata-se de um importante espaço de comunicação no qual o futuro cidadão desenvolve muitas das suas habilidades comunicativas.

Contanto, para que a escola contribua na formação de competências escritas faz-se necessário uma abordagem de leitura e escrita inserida num contexto significativo. A leitura é imprescindível para quem pretende escrever. Para escrever é preciso ter o que dizer, e para ter o que dizer é preciso conhecer o tema sobre o qual se propõe a opinar. A leitura é uma das formas de conhecer, se informar. A leitura considerada num sentido abrangente trata-se da recriação dos sentidos existentes no texto, ativando os conhecimentos prévios, ampliando e enriquecendo o sentido imediato daquilo que é lido. Formar leitores competentes é a base para formar escritores competentes.

O domínio das habilidades de leitura e escrita é indispensável ao educando porque o capacitam a interagir e exercer representação numa sociedade letrada. Comunicar-se é uma necessidade e habilidade primordial do ser social. É através da comunicação que as pessoas interagem, afirmam-se, participam. Mas para comunicar-se bem é necessário que o estudante se aproprie da linguagem. O domínio da oralidade, leitura e escrita formam o conjunto das competências linguísticas que ele precisa desenvolver para interagir na prática social.

Reavaliar como tratamos o ensino de leitura e escrita é o primeiro passo para transformar a aprendizagem formal da língua numa experiência interessante para o aluno.

Analisando a problemática, é necessário ao professor refletir primeiramente sobre o que ele considera ser escrita. A escrita natural e cotidiana é feita diante de uma dificuldade a ser resolvida, dentro de uma necessidade de expressão, dentro de um contexto. Envolve a participação de outro(s) no processo. Escreve-se para fornecer uma informação, para dar instruções, para compartilhar opinião, para expressar ideias e sentimentos, para influenciar a opinião dos outros, para obter aprovação e\ou autoafirmação, etc.

Aprende-se a escrever escrevendo. Conviver num ambiente no qual a escrita seja uma prática frequente e significativa, é fator primordial, na formação de um escritor ativo. Urge tratar a questão da escrita com os alunos sob este novo prisma. Apenas um povo informado e com senso crítico pode atuar conscientemente em sua sociedade na busca e construção do bem-estar comum.

Mas como proceder para desenvolver competências escritas satisfatórias? Não existe um procedimento único e válido em qualquer situação. Muito se questiona a prática metodológica tradicionalmente utilizada pela escola (uma realidade que felizmente vem mudando, porém ainda de forma muito lenta). Uma prática que invariavelmente baseia-se na

exigência de um texto escrito (nos moldes estabelecidos) sem uma discussão prévia do tema, sem propor uma motivação extrínseca além da nota, sem um contexto real de interlocução e sem uma realimentação a respeito do texto produzido. O que importa para o estudante ao realizar uma tarefa atribuída (como produzir um texto) é compreender com a maior clareza possível a validade e o sentido desta tarefa para sua aprendizagem. Ao entender a utilidade de adquirir tal competência o educando atribui um sentido pessoal e autêntico ao que aprendeu.

Consideremos o caso específico da escrita. O conhecimento é um produto social que merece ser compartilhado e comunicado. Numa sociedade letrada, muito destes compartilhamentos se dão através da escrita. Considerando que todos os indivíduos são potenciais criadores e articuladores de conhecimento, todos devem apropriar-se dos procedimentos da linguagem escrita.

A comunicação a ser adotada pelo professor para potencializar a formação de sujeitos comunicativos, autônomos, críticos, criativos e participantes deve ser o diálogo que potencializa a formação de interlocutores. A escola precisa contribuir com o trabalho do professor oferecendo oportunidades de interação e diálogo efetivos no ambiente escolar com troca de opiniões e sugestões. Exemplos de oportunidades são: Grêmios estudantis, rádio escolar, mural coletivo, painel informativo e de recados, caixa de sugestões, festivais, seminários temáticos, bandas, oficinas, blogs, grupos em redes sociais, etc. Ou seja, atividades e suportes diversificados que permitam dar voz aos alunos, que permitam travar com eles um diálogo constante para compreendê-los. Neste sentido, compreender pode assumir o significado de aprender em conjunto: estudantes – professor – escola.

A linguagem tem um papel central na aprendizagem já que o discurso (visto como prática social da linguagem) oferece meios de aprendizagem mais enriquecedores ao permitir interações entre parceiros de níveis diferentes.

Refletindo sobre esta afirmação, é possível concluir que o aprendizado e utilização da língua deve considerar o conhecimento prévio do aluno ativado pelo discurso, além de proporcionar um ambiente propício a estas interações discursivas, um ambiente contextualizado no qual o aluno sinta-se parte de um todo significativo. No caso da língua materna, o educando quando chega à sala de aula já tem internalizado a estrutura de sua língua, pratica-a em seu cotidiano vivendo situações contextualizadas. Na escola, aprofundará e sistematizará tal conhecimento. O conteúdo gramatical tornar-se-á uma aquisição enriquecedora, mas não será a base do seu conhecimento linguístico, este ele já o tem.

A língua, considerada no âmbito social, em suas configurações histórico-sociais de vida, trabalho e cultura, expressa uma visão de mundo. Sua gramática e seu vocabulário, suas regras de sintaxe e semântica com suas modalidades e estilos diversos (erudito, popular, jurídico, jornalístico, etc.) se estabelecem ajustadas a uma realidade social e cultural. A visão de mundo delineada numa língua não está isenta de tensões e contradições, trazendo em si o jogo das forças sociais, espelhando suas desigualdades. A língua, portanto, ao ser tratada como uma concepção de mundo insinuar-se-ia mais atrativa e significativa ao educando do que um conjunto de símbolos e signos tratado como um mero código.

Metodologia:

O público pesquisado trata-se de duas turmas do ensino médio da Escola de Referência em Ensino Médio Severino Farias, localizada na cidade de Surubim, mesorregião do agreste pernambucano. A amostra consta com um total de oitenta e três estudantes, distribuídos em duas turmas de primeiro ano do ensino médio de uma escola pública da rede estadual de Pernambuco. Uma turma conta com quarenta e dois alunos e a outra com quarenta e um. A escola faz parte do programa de escolas de referência em tempo integral, oferecendo dois contra turnos semanais, nos quais os estudantes têm seu tempo de permanência na escola estendido. A média de faixa etária média dos estudantes é de quinze anos e em sua maioria são oriundos de escolas da rede municipal de educação.

A pesquisadora é professora de língua materna destas turmas e uma das preocupações primordiais ao professor de língua materna é desenvolver em seu corpo discente a apreciação da leitura. Esta é uma condição primordial para o desenvolvimento de todas as competências discursivas exigidas pelo currículo escolar, pelos testes externos padronizados e pela demanda da sociedade letrada da qual fazem parte. O trabalho começa com o reconhecimento do público recebido. Começa o período letivo com atividades de observação e aproximação entre professor e educandos. E então ao observá-los (atentando para suas particularidades comunicativas, seu perfil de interlocução, seus conhecimentos prévios e a sua autoimagem como sujeitos comunicativos) há o reconhecimento de sua heterogeneidade e seu saber acumulado. O professor percebe-se ciente de quão desafiadora e complexa será a tarefa de habilitar o sujeito comunicativo, que cada um representa, a expressar-se adequadamente na modalidade escrita. Acrescente-se a essa complexidade, a ojeriza dos educandos diante da leitura de textos mais longos e do “aparente” desamor pela escrita. Temos assim um panorama aproximado da amplitude da façanha a ser realizada.

A primeira atividade escrita proposta às turmas foi um desenho da própria mão de cada um. Em cada um dos dedos os estudantes deveriam citar algo que era valioso para eles, algo importante em suas vidas. Durante a socialização, um a um eles explicavam o motivo de ter elegido aquele item. Desta maneira foi possível detectar algumas de suas esferas de atuação e interesse: família, amigos, namoro, projetos, lazer. Em outra ocasião foi proposta uma entrevista informal gravada em áudio e em seguida transformada em questionário escrito com as mesmas perguntas (o que lhes possibilitou pensar e refletir sobre as perguntas e articular melhor as respostas) para que a professora pudesse conhecer seu perfil comunicativo. As perguntas foram as seguintes:

- Você gosta de ler?
- Já leu algum livro do qual tenha gostado muito?
- Você gosta de escutar música? Caso a resposta seja SIM, qual seu gênero favorito? Por quê?
- Você gosta de ver filmes? Caso a resposta seja SIM, qual seu gênero favorito? Por quê?
- Você pratica esporte? Caso a resposta seja SIM, qual e por quê?
- Você utiliza aplicativos de mensagens? Caso a resposta seja SIM, quantas vezes você acessa por dia? De quantos grupos participa?

As respostas eram gravadas, para que eles mesmos pudessem apreciar posteriormente suas próprias interlocuções. O questionário escrito serviu para a pesquisadora tomar conhecimento de dificuldades de expressão escritas relativas à grafia, à acentuação, à coerência e à coesão.

A segunda proposta de produção escrita foi uma carta resposta endereçada aos professores como resposta a uma carta dos professores lida para eles nos primeiros dias de aula. A carta traz um convite para uma resposta ao final:

(...) E aí conseguimos lhe convencer? Estudar não precisa ser um martírio se você se dedicar.

Ser adolescente não é fácil. Você não é mais criança, já tem certas responsabilidades. Mas também não é ainda um adulto, ainda está sob a supervisão de pais e professores. Pode ser uma etapa maravilhosa de descobertas e de construção de projetos para o futuro. E nós, como seus professores, gostaríamos muito de lhe ajudar. Já passamos por tudo isto e queremos compartilhar o que aprendemos com nossos erros e acertos. E aí? Você topa?

Assinam: Seus professores.

A partir daí os estudantes são convidados a responder a carta relatando suas dificuldades e anseios. Surgem relatos autênticos e esclarecedores sobre o modo operante de

cada um, o que esclarece algumas dúvidas relativas ao comportamento em classe e a dificuldade de se expressar e de escrever. Partindo daí a professora elabora uma proposta para os alunos com o objetivo de desenvolver competências escritas. A proposta é apresentada aos alunos como um projeto-aprendizado que precisa do engajamento e mobilização de todos. A proposta do projeto-aprendizado que objetiva desenvolver competências escritas no gênero textual argumentativo-discursivo. A escolha deste gênero específico foi motivada pelo relevo que este gênero textual apresenta no âmbito de atuação escolar e acadêmica (resenhas, relatórios, artigos, projetos de pesquisa, redações) e no âmbito de circulação social (requerimentos, recursos, petições, outros).

Para conscientizar os alunos sobre a necessidade de desenvolver competências escritas foram realizados debates sobre os objetivos do escrever: a utilidade, o poder e o prazer. Para cada objetivo, os alunos eram convidados a citar exemplos de situações que ilustrassem a intenção de quem escreve. Para ilustrar os três objetivos e ao mesmo tempo motivá-los a escrever, a professora proporcionou o contato com uma experiência exitosa de escrita na própria escola. Uma ex-aluna da escola, Maria Jéssica Silva de Almeida, participou de um concurso de redação nacional no ano de 2014. O concurso se chama Jovem Senador² e é realizado anualmente. Sob a orientação da então bibliotecária, a aluna Jéssica conseguiu o primeiro lugar estadual com sua redação “Lei boa é lei cumprida” e o terceiro lugar nacional no concurso, sendo escolhida como jovem senadora de Pernambuco. A premiação lhe possibilitou vivenciar durante uma semana a experiência de ser um senador e propor projetos de lei. A estudante foi convidada a partilhar sua experiência com as turmas envolvidas no projeto. (figura 1)

Os estudantes mostraram-se bastante entusiasmados com a experiência de Jéssica e entenderam que sua escrita pode ser útil, prazerosa e carregada de poder para atuar e transformar sua realidade.



Figura 1

Fonte: Arquivo pessoal

² O Programa Senado Jovem Brasileiro, criado por meio da Resolução 42/2010 tem como objetivo proporcionar aos estudantes do ensino médio conhecimento acerca da estrutura e do funcionamento do Poder Legislativo no Brasil, bem como estimular o relacionamento permanente dos jovens cidadãos com o Senado Federal. Link com entrevista da aluna Jéssica para um site local sobre a experiência de ser uma jovem senadora: <http://www.surubimnews.com.br/entrevista-com-maria-jessica/>

Para cada unidade bimestral foi proposto aos alunos um desafio envolvendo um texto dissertativo-argumentativo com uma temática cidadã. Como motivação extrínseca foi elaborada uma tabela com concursos de redação nacionais e afixada no quadro de avisos da sala. As temáticas sugeridas nas propostas dos concursos eram debatidas em sala e as produções que se destacavam naquela unidade eram eleitas para representar a escola nos concursos nacionais. Desta maneira procurou-se desenvolver nos estudantes uma atitude de pertencimento e representatividade, eles se veem como a porta-voz da escola em cenários cada vez mais amplos.

O trabalho para elaboração dos textos envolvia várias etapas:

1. Antes da escrita: identificar e definir os parâmetros da situação de comunicação, o destinatário, o papel do enunciador, o objetivo, a intenção, o assunto, o tipo de texto, o suporte de veiculação.

O trabalho de preparação envolvia debates, leituras temáticas, quiz, dinâmicas e pesquisas.

2. Durante a escrita: orientações metodológicas, estudo da estrutura do gênero escolhido, rascunho, leitura compartilhada dos rascunhos entre os estudantes, revisão e comentários do professor, reescrita.

3. Após a escrita: socialização dos textos em murais e painéis, leitura em classe dos textos escolhidos para representar a escola em algum concurso.

Segue a lista dos gêneros textuais trabalhados até agora, as temáticas e os concursos nos quais os estudantes exerceram representação:

Gênero textual	Temática	Concurso	Órgão
Carta argumentativa	Desenvolvimento sustentável	46º Concurso Internacional de Redação de cartas	UPU (União Postal Nacional)
Redação	Questões de gênero	Prêmio Naíde Teodósio de Estudos de Gênero – Ano X	SECMulher-PE/FACEPE
Redação dissertativa-argumentativa	Brasil plural: para falar de intolerância	Jovem Senador 2017	Senado Federal
Projeto de iniciação científica	Temas diversos	Mostra de experiências da escola	A própria escola
Resumo	Uso das redes sociais	-----	-----

Os textos produzidos por cada um são arquivados em um portfólio individual para o acompanhamento do próprio aluno: suas maiores dificuldades, seus avanços, os comentários do professor e dos colegas.

Resultados

A partir do trabalho com o projeto-aprendizagem envolvendo competências escritas é possível perceber uma mudança na atitude dos alunos diante da tarefa de elaboração de textos argumentativos. O primeiro desafio proposto (a carta argumentativa) apresentou resultados desestimulantes. Os textos produzidos, por uma grande parcela dos alunos, apresentavam sérios problemas de coerência e coesão, sem mencionar as inadequações ortográficas e de pontuação. Outro problema que se apresentou foi o descompromisso em realizar a atividade por alguns alunos.

O projeto passou por reavaliação e adequação de dinâmicas e atividades. A produção textual passou a ser responsável por parte da composição da média bimestral sem alternativa de outra atividade substitutiva. Pode parecer impositivo, mas um líder, neste caso a professora, precisa identificar e satisfazer as necessidades de seus liderados, neste caso os educandos. E não suas vontades. Uma necessidade é uma legítima exigência para o bem-estar. (HUNTER, 2009, p. 48). Capacitar os educandos para exercer cidadania através da linguagem escrita é uma necessidade imprescindível, mesmo que eles ainda não a tenham percebido de maneira ampla. Todas as normas do projeto foram discutidas e argumentadas com os alunos e por aprovação da maioria, aceitas. Ao perceberem a exigência atribuída ao projeto-aprendizagem e a sua continuidade os alunos mais reticentes foram se integrando ao projeto que alcançou no terceiro bimestre participação de noventa e cinco por cento dos estudantes. Espera-se ao final do ano letivo atingir a totalidade do público pesquisado.

À medida que o projeto avançava e havia o reconhecimento e valorização dos alunos protagonistas, aqueles cujos textos eram escolhidos para representar a escola em concursos, outros estudantes sentiram-se desafiados e motivados a compartilhar suas ideias e opiniões; sentiram-se desejosos de merecer a atenção dos colegas. Os alunos protagonistas são considerados pelos demais com certo prestígio.

As discussões acerca do projeto-aprendizagem de textos argumentativos possibilitou a descoberta entre os educandos de escritores em outro gênero também: o poema. E assim o projeto pretende ampliar-se para ganhar uma nova versão, específica para este gênero.

Considerações finais

O projeto-aprendizagem “Ideias e (entre)linhas tecem consciência cidadã” proporcionou ao público pesquisado experiências significativas de apreciação e produção de textos dissertativo-argumentativos. Através de atividades diversas nas aulas de língua portuguesa seguidas de provocações e desafios incitando o ato de escrever. Escrever suas ideias, seus comentários, suas opiniões e suas contradições desde que sejam argumentadas e explicadas, refletindo sobre o que é escrito e a melhor forma de escrever.

O importante a destacar não seria o resultado final do projeto, mas o seu percurso. Os educandos inicialmente não produziam textos argumentativos. Quando produziam textos eram sem estrutura lógica, com trechos incoerentes e sem coesão. A fuga do tema era constante, isso quando se reconhecia no texto o tema pedido. Sem mencionar as inadequações de pontuação, ortografia e acentuação.

Hoje os estudantes escrevem textos que não se destacam pela preciosidade da argumentação, nem do vocabulário, nem da originalidade. A boa notícia? Eles escrevem! Constroem textos adequados a proposta, razoavelmente estruturados, com vocabulário direto e objetivo, coerentes, com pequenos desvios coesivos. E o que é mais gratificante: fazem citações retiradas de outros textos lidos e debatidos em classe, de letras de músicas, de dados de pesquisas, etc. Usam essas citações para corroborar sua argumentação, ampliam seu discurso dialogando com discursos de outros. Este percurso de aprendizagem palpável que foi acompanhado pela professora pesquisadora é o resultado mais gratificante e estimula a continuar e ampliar o trabalho.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidad Líquida**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002. Disponível em: <https://catedraepistemologia.files.wordpress.com/2009/05/modernidad-liquida.pdf>
Acesso em 07 set. 2017
- HUNTER, James C. **O monge e o executivo – Uma história sobre a essência da liderança**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Produtoras de Textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- STREET, Brian V. **Letramentos sociais: Abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

YAMAMOTO, Karina. **No Brasil, apenas 8% têm plenas condições de compreender e se expressar.** UOL Educação, 2016. Disponível em:

<https://educacao.uol.com.br/noticias/2016/02/29/no-brasil-apenas-8-escapam-do-analfabetismo-funcional.htm>

Acesso em 07 set. 2017